



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECO
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

DANIELA KOVALSKI

**ANALISE DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS URBANAS DO
BAIRRO EFAPI, CHAPECÓ (SC)**

**CHAPECÓ, SC
2017**

DANIELA KOVALSKI

**ANALISE DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS URBANAS DO
BAIRRO EFAPI, CHAPECÓ (SC)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Geografia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* de Chapecó, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ederson Nascimento.

**CHAPECÓ, SC
2017**

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Ederson Nascimento, pelas orientações, discussões, que muito contribuíram nas reflexões, análises e resultados dessa pesquisa. Pela paciência e apoio sempre disponível, ajudando nas horas mais difíceis.

Agradecer a todos os professores do curso de Geografia, que me permitiram chegar até aqui, e na construção do conhecimento.

À minha mãe, que em todo esse tempo de graduação me apoiou e incentivou a continuar.

A meu amigo Ederson dos Santos, pela preciosa ajuda a obter as fotos principalmente nas áreas mais difíceis de habitar.

Ao meu irmão Silmar, pela entrevista e por apresentar-me o proprietário dos terrenos do loteamento Alice II, que contribuiu muito para o entendimento da ocupação do loteamento.

A todos os que deram suas entrevistas, sem dúvidas foi essencial para a elaboração desse trabalho.

Enfim, a todos que, de alguma forma contribuíram para a elaboração dessa pesquisa, seja do ponto de vista do conteúdo e análises, seja do ponto de vista emocional, os meus agradecimentos.

RESUMO

A desigualdade socioespacial é um fenômeno geográfico que prescinde de pesquisas, tendo em vista que é um processo que está inscrito no espaço e em constante transformação, modificando o processo de produção e reprodução do espaço. A urbanização de Chapecó, ao ocorrer com o crescimento de seus setores agroindustrial e comercial e com a migração, leva à descentralização da população, com o surgimento de novos loteamentos. Este trabalho tem por objetivo analisar as desigualdades socioespaciais no bairro Efapi, que com a descentralização da população obteve demanda de serviços comerciais tornando-se um subcentro de Chapecó, e que se consolidou com a formação desses loteamentos. A metodologia utilizada baseou-se primeiramente no referencial bibliográfico e a realização de trabalhos de campo para melhor compreensão da área de estudo, e para melhores compreensões optou-se por entrevistas e aplicações de questionário. A percepção é para as áreas destinadas a moradia, onde se evidencia diferenciações e contradições de classe, através da análise da paisagem geográfica.

Palavras-chave: urbanização, espaço urbano, desigualdades socioespaciais, condições de vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 1	8
A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS	8
1.1 REFLEXOES SOBRE O ESPAÇO URBANO	8
1.2 AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS NA CIDADE E AS IMPLICAÇÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO.	12
CAPÍTULO 2	14
O CRESCIMENTO URBANO DE CHAPECÓ E A PRODUÇÃO DE SUAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS	14
2.1 O ADVENTO DA AGROINDÚSTRIA EM CHAPECÓ	14
2.2 O CRESCIMENTO URBANO DE CHAPECO E AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS.....	15
2.3 O SUBCENTRO DO BAIRRO EFAPI E SUAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS.....	18
CAPÍTULO 3	22
UMA LEITURA DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS DO BAIRRO EFAPI	22
3.1-METODOLOGIA	22
3.2 O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DOS LOTEAMENTOS	23
3.3 CARACTERIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS NO BAIRRO EFAPI E DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS URBANOS EXISTENTES.	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

LISTA DE FIGURAS

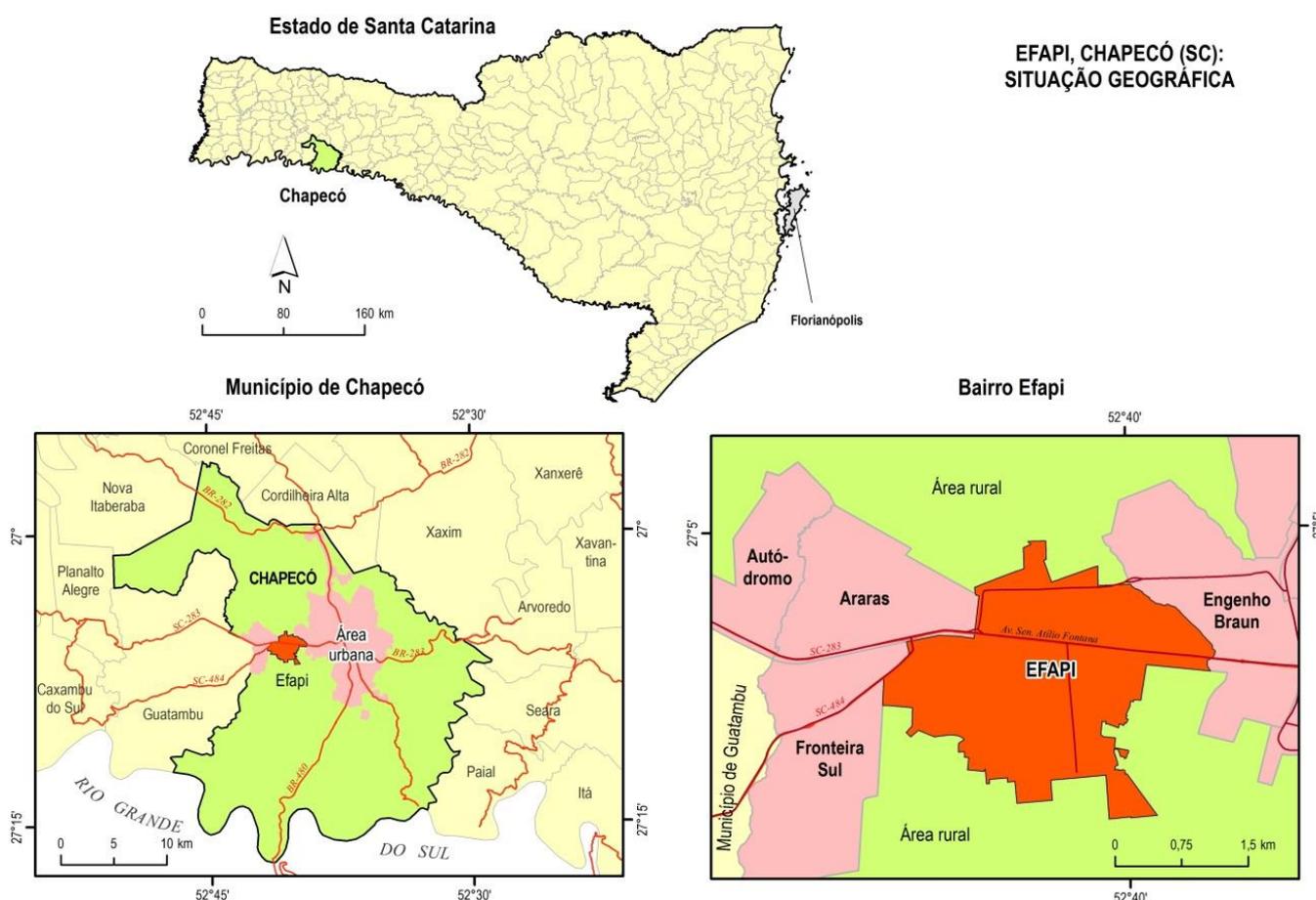
Figura 1 - Vista geral de Chapecó em 1940	14
Figura 2 - Vista da Av. Atílio Fontana.	19
Figura 3 - Vista da Av. Atílio Fontana	20
Figura 4 - Loteamentos Urbanos do Bairro Efapi	24
Figura 5 - Horários de transporte público loteamento Alice II.....	28
Figura 6 - Rio Taquarussuzinho	29
Figura 7 - Imagens Loteamento Vale das Hortênsias.....	35
Figura 8 - Imagem loteamento Colatto.....	35
Figura 9 - Imagem loteamento Alice II	36
Figura 10 - Imagem do loteamento Jardim do Lago	36
Figura 11 - Área próxima do Rio Taquarussuzinho	38
Figura 12 - Rio Taquarussuzinho	39

INTRODUÇÃO

Nas cidades brasileiras, o principal elemento que desencadeia a separação espacial dos grupos e das classes sociais, mais do que qualquer outra condicionante, é a desigualdade socioeconômica de sua população. O padrão economicamente dependente que marca o processo de urbanização engendrado no país, refletiu-se na estruturação socioespacial do urbano, produzindo espaços socialmente desiguais e segregados (NASCIMENTO, 2017).

Através do estudo de bibliografia já existente, sabemos que o bairro Efapi localizado na porção oeste da cidade (mapa 1), é um bairro predominantemente de população pobre no contexto de Chapecó, mas observando a paisagem geográfica percebe-se que existem significativas desigualdades socioespaciais lá dentro, por isso a importância desse presente estudo reside em analisar como há desigualdades dentro de um mesmo bairro.

Mapa 01: Efapi, Chapecó (SC): Situação Geográfica.



Fontes: IBGE (Divisão Municipal do Brasil, 2015), Prefeitura Municipal de Chapecó (2015). Elaboração: Ederson Nascimento (2017).

As desigualdades não foram analisadas apenas através da renda populacional, mas principalmente através da paisagem onde se percebe em cada loteamento do bairro uma característica diferente, alguns espaços de muita segregação socioespacial, outros espaços com melhor infraestrutura, e ainda em outros espaços percebe-se um alto padrão de vida.

A partir disso a pesquisa buscou analisar as desigualdades socioespaciais do bairro Efapi, desde o início do crescimento populacional de Chapecó com a vinda das agroindústrias para a cidade, até nos dias atuais. Além disso, tem-se como objetivos específicos para a presente pesquisa:

- a) identificar o processo de formação dos loteamentos urbanos;
- b) reconhecer os problemas sociais e ambientais que estão presentes nos loteamentos;
- c) examinar as principais diferenças sócioespaciais visíveis na paisagem geográfica referente a infraestrutura do bairro, e;
- d) analisar como se construíram tais desigualdades dentro de um mesmo bairro e como isso afeta as condições de vida de seus moradores.

A importância do presente estudo vem para ajudar a entender o processo de estruturação socioespacial do bairro, que é o maior e mais populoso da cidade. Assim, de modo científico busca-se com o estudo, contribuir para o entendimento dessas disparidades dentro do bairro e como elas afetam a vida das pessoas que nele residem.

O trabalho está organizado na seguinte estrutura: No capítulo inicial, com o título **A formação do espaço urbano**, apresenta-se um referencial teórico, enfatizando o que é o espaço urbano como e quem o produz, o que é desigualdade sócioespacial e como pode atingir a vida cotidiana da população. Em seguida, no capítulo **O crescimento urbano de Chapecó**, discute-se a chegada das agroindústrias a cidade, o crescimento urbano, as desigualdades socioespaciais e a descentralização da população contribuindo para a formação do subcentro bairro Efapi. Posteriormente, no capítulo **Uma leitura das desigualdades socioespaciais do bairro Efapi**, apresenta-se a metodologia do estudo empírico, bem como a análise dos resultados obtidos. Por fim, nas **Considerações Finais** apresenta-se uma visão geral sobre as desigualdades socioespaciais encontradas no bairro Efapi.

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS

Neste capítulo é apresentada uma a revisão da literatura. São feitas considerações sobre o que é o espaço urbano, como surgem, quem produz, quais são suas características, e que implicações as diferenças socioespaciais trazem a vida das pessoas.

1.1 REFLEXOES SOBRE O ESPAÇO URBANO

A ciência geográfica busca compreender o espaço urbano, mas qual a definição que podemos usar para defini-lo? Para Corrêa (1995, p. 6).

O espaço urbano é o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado.

Ainda sabemos que a formação da cidade tem relação com os processos sociais desenvolvidos nela. Neste sentido o espaço urbano é o reflexo da sociedade, assim o espaço da sociedade capitalista é dividido em áreas residenciais e segregadas refletindo a complexa estrutura social em classes. O espaço urbano é ao mesmo tempo fragmentado e articulado. Isso se dá pela grande diversidade de usos, que definem áreas como centro, bairros, periferias, áreas industriais, mas que cada uma dessas áreas mantem relações espaciais com as demais. Essa relação se dá através de deslocamento para local de trabalho, visitar amigos, parentes, atividades de lazer entre outros (CORRÊA, 1995).

Desde a migração da população do campo para cidade, foram acumuladas ações no espaço urbano que formaram as casas, bairros, lojas, empresas, restaurantes e formando a sociedade capitalista existente hoje.

Ainda conforme Corrêa (1995) no espaço urbano há alguns agentes sociais que fazem e refazem a cidade, entre eles estão:

- a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais;
- b) os proprietários fundiários;
- c) os promotores imobiliários;
- d) o Estado, e;
- e) os grupos sociais excluídos.

A ação destes agentes se faz dentro de um marco jurídico que regula suas atuações, e que muitas vezes permite que haja acordos com os interesses do agente dominante.

Conforme referido autor, os grandes proprietários industriais e das grandes empresas são grandes consumidores de espaço. Necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locacionais pertinentes a atividades de suas empresas.

Os proprietários fundiários estão interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, têm interesse no crescimento da cidade, na expansão do seu tecido urbano.

Os proprietários fundiários podem então exercer pressão junto ao Estado, especialmente na instância municipal, visando interferir no processo de definição das leis de uso do solo e do zoneamento urbano. Esta pressão não é feita uniformemente nem beneficia a todos os proprietários fundiários. Alguns, os mais poderosos, poderão até mesmo ter suas terras valorizadas através do investimento público em infraestrutura, especialmente a viária: as cidades brasileiras fornecem vários exemplos desta prática (CORRÊA, 1995, p. 16).

Mas esse processo depende muito da intervenção do Estado, crescimento demográfico e espacial da cidade.

Os promotores imobiliários, por sua vez, tem como função gerar um processo complexo que envolve um conjunto de ações e agentes. São eles que financiam a compra do terreno, cuidam da construção do imóvel entre outras práticas, e utilizam-se da propaganda para a venda desses imóveis, geralmente falando de *status*, qualidade de vida para a população de alta renda, e para a população de baixa renda, buscam a ajuda do Estado para tornar viável a construção dessas residências. Para Corrêa,

A atuação espacial dos promotores imobiliários se faz de modo desigual criando e reforçando a segregação residencial que caracteriza a cidade

capitalista. E, na medida em que outros setores do espaço produzem conjuntos habitacionais populares a segregação é ratificada (CORREA, 1995, p. 24).

Assim podemos afirmar que há uma grande desigualdade socioespacial dentro das cidades, causada principalmente pelo funcionamento da sociedade capitalista, visando o lucro, neste caso, dos promotores imobiliários e de todos os envolvidos na venda. O processo de valorização da terra urbana é decorrente das formas de como se dão a sua apropriação e uso.

A origem da valorização está na questão da posse da propriedade, seja o solo urbano ou rural, e assim o uso dessa posse é que vai determinar a maior ou menor valorização do terreno. O fator localização e a infraestrutura do terreno, no caso urbano, também são determinantes no processo de valorização, além de fatores como o crescimento demográfico e, diante disso, a necessidade crescente de habitações, que facilita o processo de especulação imobiliária, concorrendo para a sobrevalorização do solo urbano. (VILLAÇA, 1998).

O Estado atua também na organização espacial da cidade. Para Corrêa (1995) essa organização tem sido muito complexa, pois o Estado é um dos principais produtores industriais, consumidor de espaço e de localizações por excelência, além de proprietário fundiário e promotor imobiliário.

O Estado também contribui de modo significativo para o desencadeamento da segregação das classes sociais e sua ratificação, por meio de ações como:

- a) dotação diferencial de investimentos nos subespaços da cidade e suas consequências;
- b) taxação diferenciada de imposto predial e territorial, que incidem sobre os preços da terra e dos imóveis;
- c) definição do perímetro urbano e de normas de zoneamento de uso e ocupação da terra urbana;
- d) produção de áreas residenciais destinadas a camadas de baixa renda em áreas desvalorizadas e deficientes em infraestrutura técnica e social, e;
- e) permissividade em relação à manutenção de glebas e terrenos desocupados para fins de valorização imobiliária (VILLAÇA, 1998; SOUZA, 2003; CORRÊA, 1997 e 2013, *apud* NASCIMENTO 2017).

Os grupos sociais excluídos são, em maioria, compostos por aquelas pessoas que não têm condições de comprar suas próprias casas ou pagar aluguel para uma moradia com boas condições. Para Corrêa:

Os grupos sociais excluídos tem como possibilidades de moradia os densamente ocupados cortiços localizados próximos ao centro da cidade, velhas residências que no passado foram habitadas pela elite e que se acham degradadas e subdivididas, a casa produzida pelo sistema de autoconstrução em loteamentos periféricos, conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, via regra também distantes do centro, e as favelas. (CORRÊA, 1995, p. 29)

Grande parte dessa população vem para a cidade em busca de uma vida melhor, mas há uma grande dificuldade de se inserir no mercado de trabalho devido à sua falta de escolaridade e capacitação profissional, fazendo com que parte da população busque moradia nessas áreas inadequadas, gerando assim uma grande desigualdade socioespacial na cidade.

Não é só isso que faz com que essa população pobre produza as favelas e loteamentos precários. Mas também, e principalmente, a indisponibilidade de moradia popular, que se origina na valorização da terra enquanto mercadoria e que, na condição de propriedade privada e não como um bem a ser garantido para o bem-estar de todos, é, por isso, retido para valorizar e gerar renda a quem detém sua posse (inclusive gerando a especulação imobiliária, com imóveis e lotes vazios ao mesmo tempo em que muitos não têm onde morar); e também, pela carência na produção de moradia popular, que em geral não interessa ao mercado e é cara para o Estado devido à própria valorização especulativa da terra.

O espaço urbano é produzido pelo trabalho social, trabalho esse que gasta muito tempo e recursos para se produzir algo socialmente útil. Estamos falando da infraestrutura e outros componentes da paisagem urbana, como prédios, ruas e praças. A partir deste momento, o produto social adquire um valor que é representado pelo valor comercial de casas, prédios e infraestrutura.

Outro valor é dado pela aglomeração, através de sua localização que é o que define o preço da terra, como vimos anteriormente. Ou seja, quanto maior e melhor for a produção social do espaço através da construção de infraestrutura e outras características do espaço urbano, maior será o número de pessoas interessadas neste local. Logo, a maior quantidade de pessoas interessadas, que tenham condições de

pagar, para ocupar a mesma parcela do solo urbano, maior será o valor da terra no mercado imobiliário. Portanto, o comprador do espaço não compra somente o valor de uso, ele também compra a acessibilidade para os lugares, do centro, comércio, do trabalho (VILLAÇA, 2001).

1.2 AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS NA CIDADE E AS IMPLICAÇÕES SOBRE AS CONDIÇÕES DE VIDA DA POPULAÇÃO.

A cidade pode ser dividida por fatores de renda, onde se evidenciam desigualdades socioespaciais, cada vez mais presentes pelo sistema capitalista, tornando assim maiores as diferenças de moradias e infraestruturas implicando na qualidade de vida da população. Para Nascimento (2015, p. 97):

A desigualdade é uma característica historicamente inerente à composição de sociedade e espaços. Notadamente, do ponto de vista social, indivíduos e famílias são em si desiguais quanto a aspectos físicos, psicossociais e culturais, bem como constituem (e se organizam) em grupos que se diferenciam ao longo do tempo em relação a cultura, valores, técnicas e recursos diversos. Contudo, as desigualdades entre indivíduos, grupos e classes tornam-se questão de interesse à investigação científica – em especial para as ciências humanas e sociais – e foco de atenção e intervenção no âmbito público a medida que não representam apenas diferenças, mas expressam também relações hierárquicas entre os diversos segmentos sociais.

Existem muitos problemas urbanos principalmente na sociedade capitalista em que vivemos. Buscamos apresentar o problema de segregação na cidade. De acordo com Villaça (2001, p. 143):

O mais conhecido padrão de segregação das cidades brasileiras é do centro x periferia. O primeiro dotado da maioria de serviços urbanos, públicos e privados é ocupado pelas classes de mais alta renda. A segunda, subequipada é longínqua, é ocupada predominante pelos excluídos.

Essa desigualdade entre estruturas urbanas se dá através da moradia e da luta entre classes. A cidade acaba sendo dividida por fatores financeiros ou de renda, concretizando as desigualdades no espaço urbano, e as maiores diferenças percebe-se nas moradias e na qualidade de vida dos moradores.

A desigualdade ainda pode ser analisada através da paisagem, como nos lembra Carlos (2001, p. 38).

A paisagem geográfica é a forma exterior, a aparência “caótica”, sob a qual se descortina a essência articulada e objetiva do espaço geográfico. Mas porque caótica? Porque o nível de aparência que se vê, é nível do não

explicado, do não entendido. Esta paisagem, este instantâneo que surge, à primeira vista, aos olhos do pesquisador, não é estático, mas prenhe de movimento de vida, de uma vida rica de relações que o homem mantém dias após dias para se reproduzir enquanto ser humano membro de uma sociedade.

Sob esta aparência estática se esconde e revela todo o dinamismo do processo da existência da paisagem, produto de uma relação fundamentada em contradições, em que o ritmo das mudanças é dado pelo ritmo do desenvolvimento e das relações sociais.

Essa paisagem é humana, histórica e social, existe e se justifica pelo trabalho do homem, ou melhor, da sociedade, é produzida e justificada pelo trabalho enquanto atividade, transformadora do homem social fruto de um determinado momento do desenvolvimento de forças produtivas, e aparece aos nossos olhos, por exemplo, através do tipo de atividade, tipo de construção, da extensão e largura das ruas, estilo e arquitetura, densidade de ocupação, tipos de veículos, cores e etc.

Como a autora explica, é através da paisagem urbana que notamos, de imediato, as grandes diferenças socioespaciais, expressando a procura por parte da população mais pobre, de áreas com localizações mais distantes, por motivos de o terreno ser mais barato, bem como a falta de infraestrutura e as estratégias de autoconstrução. O choque é maior quando se observa as áreas da cidade destinadas a moradia, é aqui que a paisagem urbana mostra as maiores diferenciações, evidenciando as contradições de classe (CARLOS, 2001).

A desigualdade socioespacial demonstra a existência de classes sociais e as diferentes formas de apropriação da riqueza produzida por intermédio do espaço. Expressa a impossibilidade da maioria dos trabalhadores de obter condições adequadas de sobrevivência. É visível, até para os olhares desatentos, a “oposição” entre áreas ricas e áreas pobres. Porém, a compreensão de causas e conteúdo de crises, problemas, contradições, conflitos não é explicitada o que dificulta entender a complexidade da produção, consumo do e no espaço (RODRIGUES, 2007).

Os processos de desigualdades socioespaciais do bairro Efapi em Chapecó, passam a serem vistos nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2

O CRESCIMENTO URBANO DE CHAPECÓ E A PRODUÇÃO DE SUAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS

Neste capítulo, vamos abordar sobre o crescimento urbano de Chapecó desencadeado no contexto da consolidação das agroindústrias, e que levou à criação do Bairro Efapi, tornando-se posteriormente um subcentro da cidade de Chapeco, expandindo-se em vários loteamentos.

2.1 O ADVENTO DA AGROINDÚSTRIA EM CHAPECÓ

Chapecó, até meados de 1950, era um pequeno aglomerado urbano (conforme figura 1), cuja economia era sustentada pela comercialização de produtos agrícolas e pela extração e beneficiamento de madeira, havendo na área urbana, além de pequenos estabelecimentos comerciais para atendimento da população local, diversas serrarias que consistiam numa das principais fontes de oferta de trabalho à população (ALBA, 2002).

Figura 1 - Vista geral de Chapecó em 1940



Fonte: Zolet e Silvestrin (2006, p. 28).

Antes da chegada das agroindústrias, as atividades econômicas, e sociais exercidas no município baseavam-se na compra e venda de produtos produzidos pelos agricultores, como ressalta (ALBA, 2002), e não iam muito além do comércio de produtos de primeira necessidade. Havia casas de secos e molhados onde os

agricultores vendiam seus excedentes e compravam o que necessitavam para seu próprio consumo.

Foi a partir da década de 1950 que começaram a se instalar as grandes indústrias que temos hoje com papel importante na produção do modo capitalista, com um papel importante no desenvolvimento econômico e crescimento populacional. Chapecó possui atualmente, 205.795 habitantes (IBGE, 2015). Conforme a tabela a seguir podemos observar o seu crescimento populacional.

Tabela 1: Evolução da população Urbana de Chapecó, 1970 a 2015.

ANO	POPULAÇÃO TOTAL
1970	49.865
1980	83.765
1990	123.050
2000	146.967
2010	183.530
2015	205.795

Fonte: Nascimento (2015).

Essa população na maioria foi vinda do campo para trabalhar nas agroindústrias que estavam começando a exercer as suas atividades em Chapecó. Em 1967 foi criada a Cooperativa Regional Alfa Ltda., com a comercialização e industrialização de cereais; em 1969 foi criada a Cooperativa Central Oeste Catarinense Ltda. (Aurora), do ramo de produção e comercialização de carne suína. Em 1973, instala-se em Chapeco uma unidade da empresa Sadia Avícola S.A. com a atividade de abate e industrialização de frangos, e em 1975, é instaurada a Ceval Agroindustrial, com a produção de óleos vegetais.

2.2 O CRESCIMENTO URBANO DE CHAPECO E AS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS.

Na medida em que foi aumentando a população, a cidade de Chapecó não estava preparada para esse crescimento populacional. Os primeiros bairros a serem povoados

foram o São Cristóvão e Engenho Braun, posteriormente o bairro Efapi, que ficam próximos das agroindústrias. Como afirma Fujita (2013, p. 8):

As consequências do abrupto adensamento do espaço da cidade começaram a surgir, uma vez que o município não possuía condições para viabilizar e prover a cidade na mesma rapidez com que o seu núcleo urbano se consolidava, além do fato que, nesta época, não era preocupação corrente dos poderes públicos o enfrentamento da exclusão social. Desta forma, a desigualdade socioespacial já se fazia evidente na paisagem da cidade, com a formação de bairros operários sem infraestrutura, assentamentos precários e o despejo de populações excluídas em guetos que carregam até hoje o estigma da exclusão. Prova disso, é que entre as décadas de 1970 e 1990 tem-se o período mais intenso de surgimento de novas áreas irregulares, chegando ao percentual de 77,3% das áreas existentes até 2011, o que revela a falta de efetividade das políticas públicas habitacionais durante este período.

Ainda afirma Nascimento (2015, p. 108).

Além dos efeitos sobre a dinâmica demográfica, o desenvolvimento das agroindústrias acarretou uma série de transformações no espaço urbano chapecoense a partir da década de 1970. Novas firmas industriais e de atividades complementares foram implantadas na cidade para atender as necessidades das agroindústrias, além da ampliação do comércio e do setor de serviços. A paisagem urbana também se reconfigura no contexto do crescimento econômico e populacional.

Nesse contexto, se acelera a expansão horizontal da cidade e a criação de novos bairros e loteamentos para atender à demanda da população vinda de outras cidades ou do meio rural para trabalhar na agroindústria, inclusive a do bairro Efapi, onde a população de baixa renda teve que optar por residir próximo das agroindústrias, formando loteamentos periféricos e clandestinos, Segundo Reche (2008), vários desses loteamentos construídos como clandestinos no início e em meados dos anos 1970 foram regularizados a partir de 1977 por meio de uma mudança de lei. No mapa abaixo é possível identificar a construção dos loteamentos, dando um destaque ao bairro Efapi, o qual possuía muitas áreas com vazios urbanos, e após 1960 começaram a ser ocupadas.

urbana, Segundo (RECHE 2008), essa expansão esta ligada à demanda por habitação gerada pela força de trabalho recrutada no âmbito do crescimento agroindustrial do município. Assim as imobiliárias vendiam os terrenos baratos e sem infraestrutura, o trabalhador poderia morar perto da indústria sem gastos com transporte. Podemos observar no (Mapa 2) o crescimento populacional da porção oeste, principalmente para o bairro Efapi. Entre as décadas de 1970 e 1980 ao crescimento populacional foi intenso, Nascimento (2015, p. 125) afirma que:

Ao longo dos dois decênios seguintes nota-se que a população cresceu e se distribuiu de modo heterogêneo no espaço urbano. O bairro Efapi é, sem dúvida, o maior destaque, apresentando significativos níveis de crescimento e adensamento populacionais devido à grande produção de loteamentos com terrenos pequenos e acessíveis a camadas de renda média a baixa, e também por abrigar diversas ocupações irregulares.

Como podemos observar no mapa acima, (mapa 2), a ocupação do bairro Efapi se deu a partir dos anos 1960, onde hoje são os loteamentos Colatto e Universidade. Segundo dados do IBGE, nos anos 2000 o bairro Efapi possuía 4,3 mil habitantes e segundo o censo (2010), encontra se com 26.543 habitantes, cerca de 15,79% da população da cidade, maior ate do centro de Chapeco, que possui 13.060 habitantes cerca de 7,78%.

2.3 O SUBCENTRO DO BAIRRO EFAPI E SUAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS

Sabemos que com o crescimento populacional de uma cidade, é comum o processo de descentralização, muitas vezes formando espaços que chamamos de subcentros urbanos. Na medida em que a cidade cresce, e que seu tecido urbano se expande, as distâncias em relação ao centro tradicional tendem a aumentar. Assim, para evitar que os moradores dos diferentes bairros precisem se deslocar para o centro tradicional sempre que necessitem adquirir um bem mais sofisticados que pão, leite, ou jornais, surgem os subcentros. A divisão das pessoas pela cidade causa gentrificação e criação de espaços criados por convecção também formando subcentros que podem se desenvolver por conta dele e criar certa comodidade de locomoção para uma parcela da população e também por interesse de capital (SOUZA, 2003).

Segundo dados do IBGE (2010), foi a partir de 1990 que se intensificou a ocupação do bairro Efapi. O bairro hoje possui grande concentração comercial, percebe-se ao passar pela avenida principal Atílio Fontana, encontram-se atividades com gênero de produtos e serviços como óticas, relojarias, lojas de material esportivo, de móveis, agências de viagens e turismo, serviços de informática, e telefonia, conta também com uma grande variedade no ramo de telecomunicação, grande variedade de empresas oferecendo serviços de internet, tanto internet via rádio, como internet por fibra ótica, além de empresas que tem seus estabelecimentos em outros locais da cidade.

Figura 2 - Vista da Av. Atílio Fontana.



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 3 - Vista da Av. Atílio Fontana

Fonte: Acervo da autora (2017).

Segundo Nascimento (2015), assim como o desenvolvimento de atividades comerciais, a descentralização do serviço financeiro também acompanha o crescimento da cidade, expandindo-se. Encontram-se no subcentro Efapi atualmente, casa lotérica, agências bancárias como Bradesco, Itaú, Caixa Econômica Federal, e cooperativas de crédito como Sicoob, Sicred e Unicred, além de seguradoras.

Outros serviços encontrados no subcentro Efapi são: estabelecimentos de advocacia, oftalmologistas, clínicas odontológicas (algumas presentes apenas no bairro Efapi, e outras filiais vindas do centro da cidade), clínicas de fisioterapia e escritórios de contabilidade, além de outras empresas dos mais variados ramos, como lojas de roupas (também algumas apenas presentes no bairro e outras pertencente a grandes redes de confecções), auto escolas, imobiliárias, agropecuárias, *pet shops*, supermercados, além de presença de muitas garagens revendedoras de veículos automotores usados, postos de combustíveis, mecânicas e borracharias. Os serviços de lazer também estão presentes, como campos de futebol, ginásios, bares, pizzarias e restaurantes.

Porém, esses serviços encontram-se concentrados na Av. Atílio Fontana, e nas ruas próximas a ela, como a as ruas Cunha Porã e Quilombo, situadas no loteamento Colatto.

O subcentro Efapi, conta também com a subprefeitura e delegacia de polícia. Conforme Nascimento (2017, p. 88),

Com o aumento populacional, o desenvolvimento e o crescimento do tecido urbano, a atividade imobiliária também ganhou espaço locacional no subcentro, motivado em grande medida pela demanda gerada pela população. Além disso, houve também a descentralização de atividades de gestão de órgãos públicos, exemplificadas pela presença da Superintendência Efapi, delegacia de polícia e, localizado no limite do bairro, o 2º batalhão de polícia militar da fronteira.

Assim, afirmamos que o subcentro Efapi, formou-se a partir da expansão urbana de Chapecó, com grande influência das agroindústrias fazendo a migração do campo para a cidade, também à criação de demanda por produtos e serviços para a população que se concentrou no bairro, o qual é pouco acessível ao centro devido à distância, permitindo ser criado esse eixo comercial.

CAPÍTULO 3

UMA LEITURA DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS DO BAIRRO EFAPI

3.1-METODOLOGIA

Com o intuito de investigar as desigualdades sócio espaciais dentro do bairro Efapi, primeiramente, procedeu-se uma seleção de loteamentos para serem trabalhados, a fim de analisar elementos da paisagem geográfica dos mesmos, especialmente a disponibilidade de infraestrutura urbana e as desigualdades características do padrão construtivo das residências e seu conteúdo social. Os loteamentos escolhidos foram: Vila Pascoa, Vale das Hortênsias, Thiago, Jardim do lago, Colatto, Universidade e Alice II, os critérios para a escolha destes loteamentos foram meu conhecimento sobre as áreas do bairro Efapi e também pela análise da paisagem onde percebe-se entre esses loteamentos uma desigualdade socioespacial.

Nestas áreas, foram realizadas também entrevistas com moradores, os quais foram escolhidos aleatoriamente, conforme disponibilidade em participar da pesquisa e atentando-se a necessidade de contemplar áreas distintas no tocante à organização espacial visualizada a *priori*. Os critérios para a definição das perguntas feitas aos moradores foram baseados na revisão bibliográfica já existente, buscando contemplar diferentes situações social, para o entendimento das desigualdades socioespaciais existentes no bairro.

Foram entrevistados no total 12 moradores, além de uma conversa fora do roteiro das questões com o proprietário de grande parte dos terrenos do loteamento Alice II. O roteiro das questões para os entrevistados foi o seguinte:

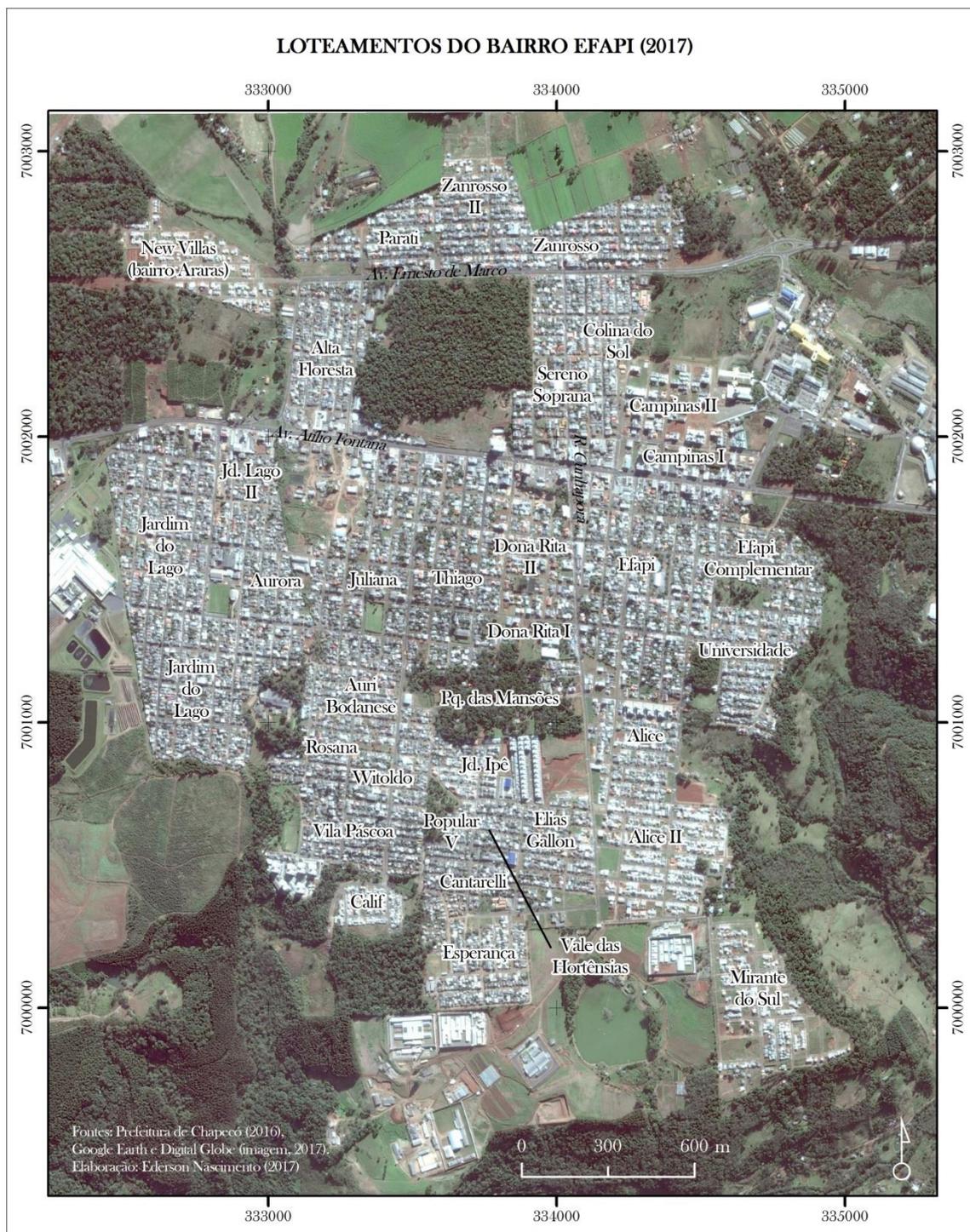
- Nome, idade, profissão, endereço completo;
- Há quanto tempo mora aqui?
- Você paga aluguel? Ou a casa já era da sua família? Ou você mesmo comprou/alugou/construiu aqui?
- Como e quando ocorreu o início da ocupação do loteamento? Que problemas havia no início? O que melhorou?

- Você tem escritura do terreno? (Se for casa própria)
- Você sente a falta de infraestrutura, como saneamento básico, redes de água tratada energia, redes de esgoto?
- Você sente falta de segurança?
- Você sente falta rede de atendimento de saúde, escolas e creches?
- Você sente falta de ausência de equipamentos de lazer?
- Quando você precisa se deslocar até um mercado, ou loja como faz? Onde você mais consome?
- Você gostaria de morar em outro lugar da cidade? Qual? Por que?
- Sobre transporte público há disponibilidade, quantidade de linhas e qualidade do serviço?
- Na sua opinião, o que mais falta no bairro? Quais os principais problemas?
- Você acha que há muita pobreza, ou muita desigualdade de condições de vida aqui no Efapi? Por que?

3.2 O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DOS LOTEAMENTOS

Com o crescimento que foi tendo o bairro Efapi após a década de 70, foram sendo criados vários loteamentos, que segundo Nascimento (2015) ocorreu principalmente por meio da implantação de novos loteamentos para fins residenciais. O tecido urbano atual do bairro, conta com 35 loteamentos urbanos, como pode ser observado na imagem exibida a seguir (Figura 4).

Figura 4 - Loteamentos Urbanos do Bairro Efapi



Observa-se assim então o grande território pertencente à região do bairro Efapi hoje, entre todos os loteamentos, existentes no bairro, cada um teve um modo de

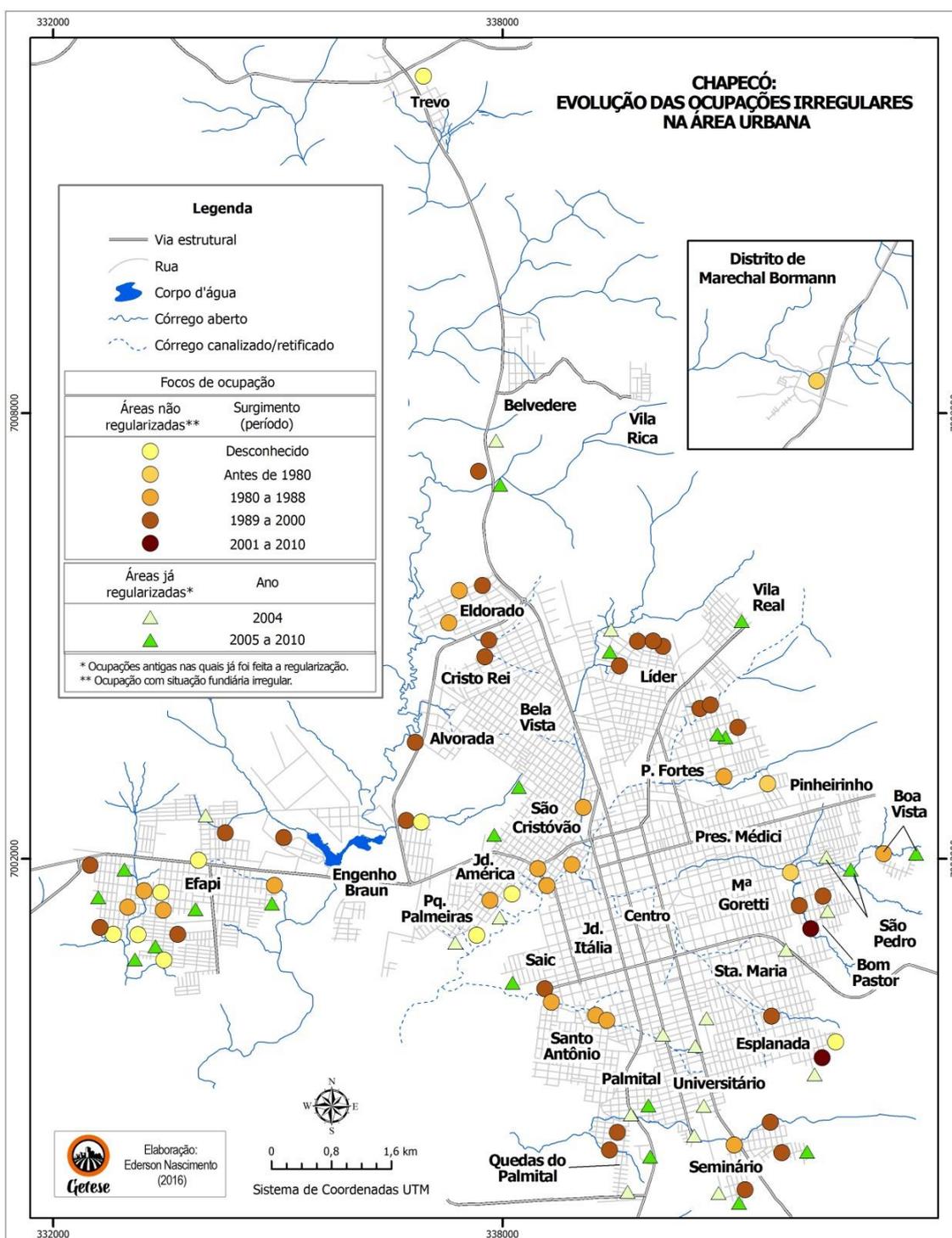
formação diferente, em períodos diferentes. Os loteamentos escolhidos para a análise deste presente estudo tiveram as seguintes datas de aprovação segundo o plano diretor de Chapecó: Colatto e Thiago, os mais antigos, no ano de 1981, Jardim do Lago 1991, Vila Pascoa 1996, Vale das Hortênsias 1998, Universidade 2003, e Alice II 2011.

De acordo com (RECHE 2008), na década de 1970, a demanda por habitação, cada vez mais intensa, no âmbito do êxodo populacional para Chapecó, e o não acompanhamento de ações governamentais, principalmente de moradia, para minimizar os conflitos resultantes da diferença entre a população absorvida pelas indústrias e a população atraída por essas, provoca o fortalecimento da figura do loteador. Este, vê na necessidade de moradia para a população de mais baixa renda migrante, um mercado promissor. A ausência de iniciativas por parte do Estado, de fiscalização ou mesmo com uma legislação pouco restritiva, justificada pela pressão populacional, e a demanda crescente, provocaram o aparecimento de inúmeros loteamentos irregulares ao redor das agroindústrias, à época descontínuas à malha consolidada.

Conforme visto na revisão bibliográfica e nas entrevistas realizadas com os moradores do Efapi, os loteamentos foram surgindo com a ocupação da população vinda do campo para trabalhar nas agroindústrias. O bairro Efapi, situado na porção oeste de Chapecó, foi um dos principais bairros a se formar loteamentos clandestinos. A população, em alguns casos, comprava o terreno e construía uma casa para morar, e outros invadiam pedaços de terra e faziam a autoconstrução, tornando uma área de segregação, sem infraestrutura para moradia, pois eram desprovidos de renda para localizarem em bairros centrais da cidade.

O mapa a seguir (mapa 3) nos mostra as áreas de ocupações irregulares de Chapecó. Observa-se que no bairro Efapi está a maior concentração da ocupação irregular nos loteamentos:

Mapa 3 – Chapecó: evolução das ocupações irregulares na área urbana.



Fonte: Nascimento (2017), p. 140.

Para entendermos o processo de ocupação dos loteamentos, entrevistamos os moradores do bairro. Vale ressaltar alguns aspectos contados pelos entrevistados sobre a formação do bairro:

Loteamento Jardim do lago: o entrevistado “T” ressaltava que quando vieram morar no loteamento em 1992, no local era só invernada, havia pouquíssimas casas, não havia nem energia elétrica, a família reside ao lado do rio Taquarussuzinho, que pode ser observado na (figura 6), onde inclusive lavava as roupas no mesmo, até a vinda de energia elétrica e a melhora nas condições de vida.

Loteamento Vale das Hortênsias: A entrevistada “B” ressaltava que mora há 20 anos no bairro Efapi. Inicialmente invadiu o loteamento Vila Pascoa ainda quando era clandestino antes da regularização. No ano de 1998 quando foi regularizado, a prefeitura os realocou para o Vale das Hortênsias, assim a população foi sabendo da existência desta outra área e começaram a invadir também, segunda a moradora, alguns já pagaram até para obter a escritura do terreno, porém a prefeitura ainda não regularizou.

Loteamento Colatto: a entrevistada “G” ressaltava que mora no local há 38 anos e quando veio morar tinha em torno de 20 casas, e duas pessoas apenas eram proprietárias de todos os terrenos (que inclusive também era invernada). No caso de transporte público, passava um ônibus pela manhã outro meio dia e outro final da tarde, fora desse horário era necessário ir até a Sadia para se deslocar para o centro. Em questão de infraestrutura, não tinha luz, água, asfalto, as roupas era lavadas em um rio presente no final do loteamento, onde todos os moradores utilizavam um tanque para lavar lá. Com o passar dos anos, foi melhorando a questão de infraestrutura, instalação de postos de saúde, as linhas de transporte começaram a passar hoje em torno de 15 em 15 minutos.

Alice II: o entrevistado “K” afirma que mora há três anos no loteamento, porém comprou a casa há um ano antes de ir morar quando ainda estava na planta. A maioria da população residente hoje no loteamento comprou as casas assim, ele ainda afirma que desde que esta morando a população aumentou “300%” no caso os lotes entorno de 4 anos atrás, estavam a venda a um preço acessível para a população e financiados pelo sistema minha casa minha vida, o que atraiu muito a população que geralmente pagavam aluguel em outros loteamentos e bairros. O problema existente no loteamento, segundo ele, é a falta de linhas de

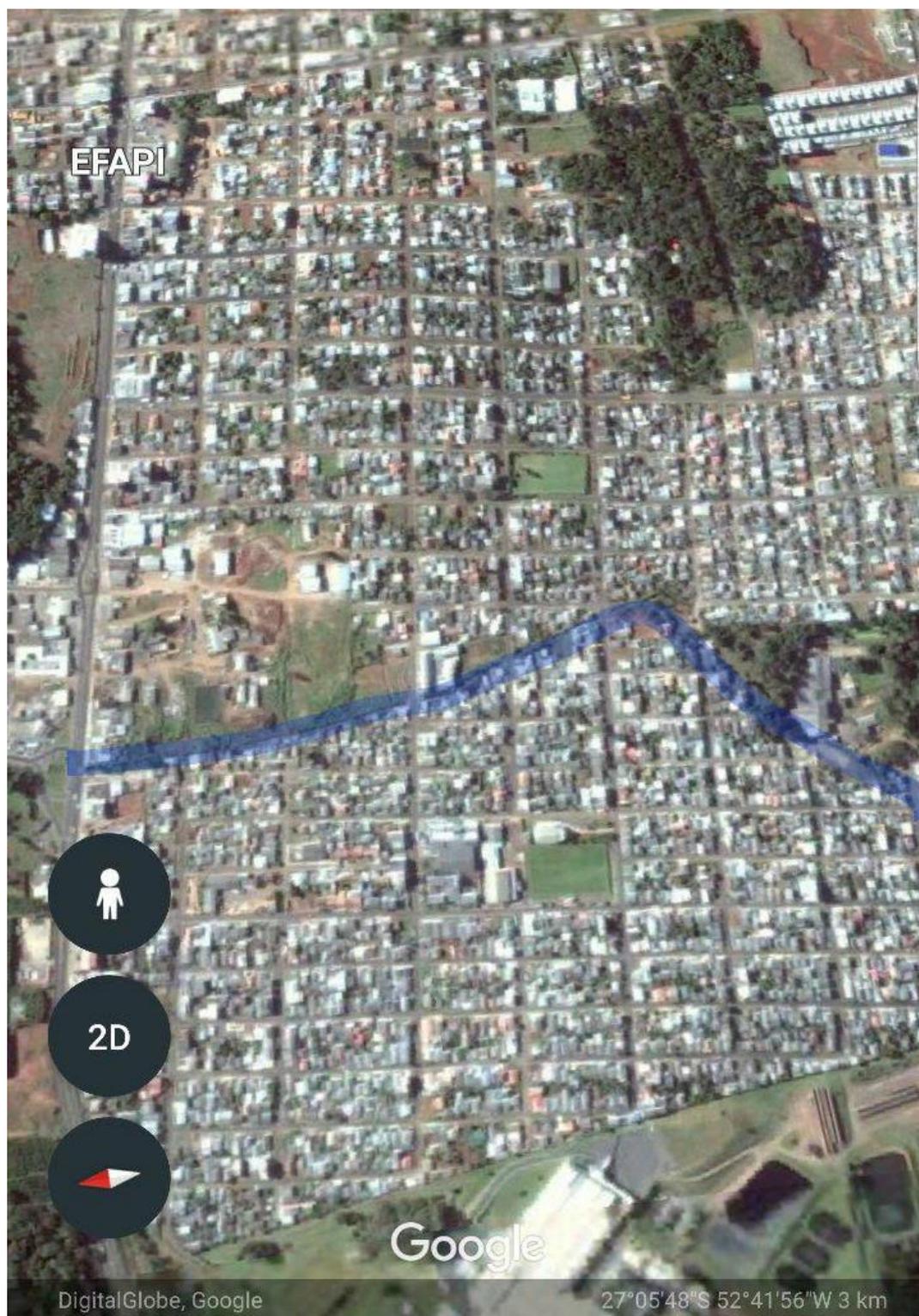
transporte público. Através de uma breve pesquisa no site da empresa Auto Viação Chapecó, concessionária de transporte coletivo urbano de Chapecó, nos horários de transporte para o loteamento encontramos apenas um horário, de segunda a sexta feira as 06h40min horas da manhã. No restante dos dias, sábados e domingos não há horários de lotação, como podemos observar na imagem a seguir: (Figura 5).

Figura 5 - Horários de transporte público loteamento Alice II



Fonte: Auto Viação Chapecó. Acesso em 25/11/2017 as 15:00 horas.

Loteamento Thiago: o principal aspecto que pode ser destacado pelo relato da entrevistada “C”, no início da ocupação do loteamento, são aspectos relacionados ao rio Taquarussuzinho que pode ser observado na (figura 6) exibido adiante. Este rio faz a divisão do loteamento Jardim do Lago com o loteamento Thiago. Em torno de 15 anos atrás ainda não era canalizado, alagava as casas em seu entorno. Posteriormente foi canalizado, então começou uma maior ocupação dos terrenos e por fim a formação do loteamento. Sobre a questão perguntada se existe desigualdades socioespaciais no bairro Efapi, a entrevista afirma, “aos extremos”. Ao ver dela existe uma população que possui uma qualidade de vida ótima, reside em um bom lugar que para ela são os loteamentos Colatto e Universidade; há pessoas que vivem nos loteamentos Jardim do Lago e Thiago, que possuem um padrão de vida intermediário; já os residentes no Vila Pascoa, Vale das Hortênsias e até outros loteamentos próximos, não tem o mínimo para viver, nem uma casa.

Figura 6 - Rio Taquarussuzinho

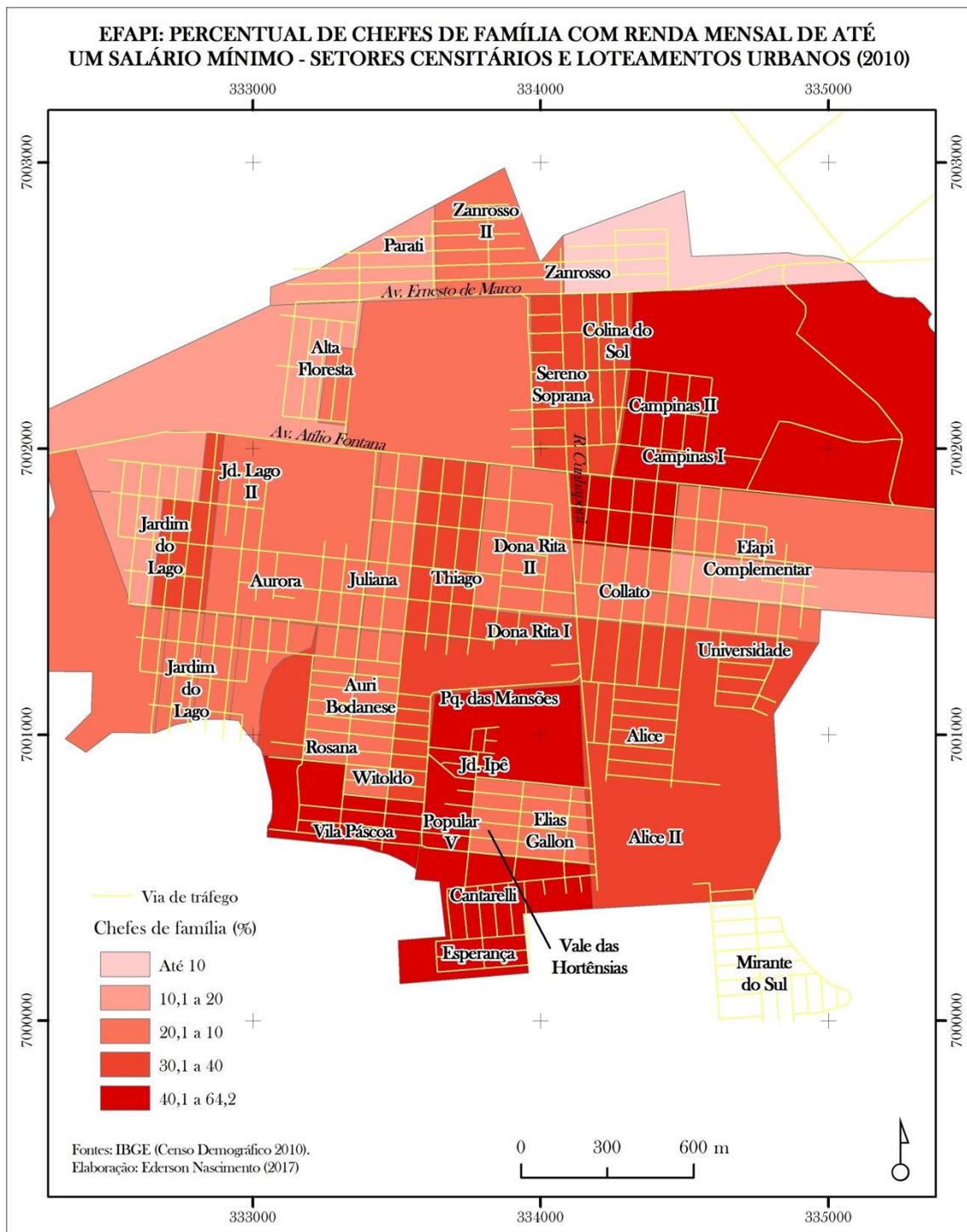
Fonte: Google Earth – Elaboração da Autora (2017).

De modo geral, observa-se que o bairro Efapi, caracteriza-se como sendo um bairro com grande concentração de população pobre. O bairro desde a década de 1990 vem apresentando significativos níveis de crescimento e adensamento populacionais

devido à grande produção de loteamentos com terrenos pequenos e acessíveis a camadas de renda média a baixa. Destaca-se também por abrigar numerosas ocupações irregulares (conforme mapa 3), o maior da cidade (NASCIMENTO, 2017).

Apesar da alta concentração de população com baixos níveis de renda, há também certa diferenciação nesse quesito no bairro. O (mapa 4) exibido a seguir mostra os maiores percentuais de chefes de família com baixa renda em 2010 (aqui entendido como de um salário mínimos mensais por chefe de família).

Mapa 4 – Efapi: percentual de chefes de família com renda mensal de até um salário mínimo – setores censitários e loteamentos urbanos (2010).



A porcentagem varia de 10 até 64,2, o que ocasiona essa desigualdade de renda, onde alguns têm menos recursos, enquanto outros dispõem de melhores condições, observa-se que as áreas mais próximas da Av. Atílio Fontana possui um percentual menor de chefes de família com renda de até um salário mínimo, enquanto áreas mais

afastadas possuem um percentual maior de chefes de família com renda de até um salário mínimo. A partir da desigualdade econômica são gerados problemas com acesso à moradia, segurança pública, educação de má qualidade, desemprego, pobreza e principalmente que alguns grupos sociais têm condições de morar em lugares de melhor situação habitacional em detrimento de outros. Os dados são do (censo 2010) onde nos dias de hoje há de se esperar que a realidade possa ter mudado em algumas áreas.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS NO BAIRRO EFAPI E DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS URBANOS EXISTENTES.

Através das saídas de campo para realizar as entrevistas, percebe-se através da paisagem a grande desigualdade socioespacial existente no bairro. O espaço urbano é, talvez, o nível espacial do território onde as desigualdades socioespaciais são mais claramente visíveis e apresentam graus de intensidade elevados (NASCIMENTO, 2015). Além de que apresentam diferentes problemas urbanos entre um loteamento e outro.

Os únicos problemas que estão presentes em todos os loteamentos é a falta de esgoto e de segurança, mas mesmo assim diferencia-se o modo como os moradores sentem a falta, como por exemplo o entrevistado “F”, que reside no loteamento Universidade afirma que sente falta de segurança ao sair na rua, já a entrevistada “B”, que reside no loteamento Vale das Hortênsias sente falta de segurança mesmo estando dentro de sua própria casa.

O que se percebeu foi a infraestrutura das casas, onde o entrevistado “F” mora em um bairro de uma classe social mais alta, sua casa possui grades, alarme, enquanto a entrevistada “B”, mora em um bairro de classe social baixa, onde sua casa é sem portão, de madeira, sem muita segurança, e ainda afirma ter “uma boca de fumo” em frente a sua casa, que seria um ponto para venda e consumo de drogas, e ainda a polícia dificilmente passa por lá. Este morador não dispõem de mais segurança por falta de condições materiais, afirma que desde que foram realocados para o Vale das Hortênsias construiu aquela casa e não tem condições de melhorar a infraestrutura.

Uma das questões perguntadas aos entrevistados era: Você gostaria de morar em outro loteamento do bairro Efapi? Por quê? As respostas dos entrevistados “A”, “B”, “C”, “L” que residem nos loteamentos Vale das Hortênsias, Vila Pascoa, e Thiago

foram positivas sim. Os motivos seriam a falta de segurança sentida dentro de sua própria casa, falta de infraestrutura, principalmente de asfalto que ainda não possui na rua e proximidade a redes maiores de supermercado onde o preço é mais em conta, e possui mais opções do que nos mercados pequenos presentes no bairro.

Já os demais entrevistados residentes nos loteamentos Colatto, Universidade, Jardim do Lago, Alice II, gostam do lugar onde moram e afirmam não desejar trocar de endereço.

Percebe-se então uma grande diferença de qualidade de vida entre os moradores do bairro Efapi, a qual é causada principalmente pela infraestrutura e pela localização onde cada pessoa mora no bairro, como afirma Nascimento (2013, p. 61):

O processo de produção e reprodução do espaço urbano apresenta-se intimamente vinculado à dinâmica de (re)produção geral da sociedade, que se realiza dia a dia a partir das ações engendradas pelos grupos sociais, as quais, por sua vez, viabilizam a própria sobrevivência e reproduzem as diversas classes e grupos da sociedade capitalista. Essa (re)produção, mediada que é pela propriedade privada, é marcada pela desigualdade na apropriação e uso social da terra e das benfeitorias que qualificam as diferentes localizações intraurbanas, resultando em uma estrutura socioespacial que segrega grupos e classes sociais em áreas que retratam os diferenciais de condições de vida.

Como foi visto nas entrevistas, como por exemplo, moradores dos loteamentos Vale das Hortênsias e Vila Páscoa, não possuem estrutura adequada para viver como os moradores dos demais loteamentos, os quais possuem asfalto, possuem casas com maior segurança, há equipamentos de lazer como praças e parques para as crianças brincarem, há no loteamento Colatto/Universidade a área verde localizada na Rua Das Faculdades.

No loteamento Alice II um parque na Rua Pedro Balerini, no loteamento Jardim do Lago, juntamente ao território da Igreja Católica uma praça. No loteamento Thiago e Vila Pascoa, não há e no Vale das Hortênsias há uma área verde que seria destinada a lazer, porém segundo os entrevistados a população não utiliza devido a grande concentração de usuários de drogas e bebidas alcoólicas no lugar.

Com exceção do Alice II e Vale das Hortênsias, todos os loteamentos possuem quadras de areia, campos de futebol ou ginásio de esportes para lazer estes não são para uso livre, porém a população consegue reservar horário por determinado valor e usar.

Ainda afirma Villaça (1998, p. 24):

“As relações entre um determinado ponto do território urbano e todos os demais”, corresponde, portanto, à situação de um determinado fragmento

espacial em comparação com os demais pontos do espaço urbano, cujas características são mais ou menos favoráveis à realização das atividades do dia a dia e ao usufruto dos bens e serviços necessários à vida cotidiana.

Podemos caracterizar as desigualdades socioespaciais no bairro através da paisagem, andando por suas ruas podemos notar as diferenças de uma paisagem para a outra, formada ao longo dos anos pela relação do homem com a natureza, e suas particularidades sociais, econômicas, políticas acumuladas na paisagem urbana. “A paisagem é a representação da condição humana e da mudança de tempo no espaço, nela ficam registrados os processos da natureza e ações humanas, cujo ambiente vai se alterando na medida em que esses processos e ações deixam suas marcas” (OLIVEIRA; ANJOS; LEITE, 2008, p. 162).

A paisagem urbana reflete, mais do que diferenças nos modos como os agentes produtores do espaço urbano modelaram o bairro e a cidade ao longo do tempo, também as várias estratégias para se apropriar a usufruir do espaço e atender assim interesses e necessidades. E podem revelar também, em áreas de populações mais pobres, as estratégias de sobrevivências que as populações carentes desenvolveram, cada qual ao seu modo e com os recursos que dispunham, para viver na cidade.

A análise da paisagem entre quatro loteamentos (Vale das Hortênsias, Colatto e Alice II e Jardim do Lago) em questão se mostra capaz de demonstrar a existência de fortes desigualdades socioespaciais dentro de um mesmo bairro, no caso o Efapi, como podem ser vistas na sequência de fotografias exibidas a seguir:

Figura 7 - Imagens Loteamento Vale das Hortênsias



Fonte: Acervo da autora (2017)

Figura 8 - Imagem loteamento Colatto



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 9 - Imagem loteamento Alice II



Fonte: Acervo da autora (2017)

Figura 10 - Imagem do loteamento Jardim do Lago



Fonte: Acervo da autora (2017)

As evidências são impressionantes, sobre a grande desigualdade presente, entre os loteamentos, mas como isso afeta as condições de vida dos moradores? Primeiramente podemos afirmar que os moradores dessa área do loteamento Vale das Hortênsias (Figuras 7 e 8), não usufruem da mesma condição de bem estar social que os moradores do loteamento Colatto. Isso se evidenciou nas entrevistas, quando foi perguntado aos moradores: você gostaria de morar em outro lugar do Bairro Efapi? Por quê? A resposta de quem mora no Vale das Hortênsias foi positiva sim, pois acreditam que poderiam viver com uma melhor infraestrutura, (como principal exemplo o asfaltamento na rua), poder estar em casa e sentir-se seguros, próximos a redes de supermercados e lojas maiores, onde possam ter mais opções na hora de suas compras, e com um preço melhor, pois, como já dito, os pequenos mercados e lojas presentes no loteamento não conseguem competir o preço com as grandes redes, presentes nos loteamentos em áreas de melhor situação habitacional.

Já os moradores dos loteamentos Colatto e Universidade, afirmaram que gostam do lugar onde moram, e não residiriam em outro lugar do bairro. Apenas reclamam de falta de segurança, mas a diferença é que moradores das áreas mais precárias sentem falta de segurança nas ruas e até dentro de suas próprias casas, já moradores dos loteamentos com melhor infraestrutura, sentem falta de segurança apenas nas ruas.

Sobre as áreas de segregação encontradas no loteamento Vale das Hortênsias, pode se concretizar o que foi visto no capítulo 1, sobre a citação de Villaça (2001) sobre os agentes produtores da cidade, neste caso os grupos sociais excluídos, que não possuem dinheiro para comprar ou pagar aluguel de uma casa, e acabam invadindo espaços, criando os locais de segregação socioespacial e residencial.

Quanto ao Alice II, trata se de um loteamento novo. Percebe-se através da (Figura 9) que é praticamente um mesmo padrão de casas, isso porque, o loteamento foi aprovado no ano de 2011, quando teve a intensa procura de compra pelo sistema Minha Casa Minha Vida, programa de financiamento habitacional lançado pelo Governo Federal. A maioria dos terrenos são financiados pelo programa e contempla um novo padrão de casas, as casas geminadas onde o vendedor, (imobiliária), tende a obter um lucro maior na venda, pois em um mesmo terreno constrói ate três casas, financiando individualmente cada uma. No caso do loteamento Alice, conversando com o entrevistado “K”, que nos informou que adquiriu sua casa pelo programa Minha Casa Minha Vida em 2014, mas a compra do terreno foi diretamente com o proprietário, ele relatou que esse vendedor era proprietário da maioria dos terrenos presentes no

loteamento e aos poucos ele foi comprando-os e então os vendendo e construindo as casas, em parcerias com as imobiliárias.

Com isso, confirma-se mais uma vez o que foi citado no primeiro capítulo, onde os agentes que fazem e refazem a cidade são neste caso os proprietários fundiários, os promotores imobiliários e o Estado. Pois no caso dos terrenos presentes no Alice II, o proprietário fundiário tem interesse na expansão da área urbana, comprando terrenos e construindo casas, assim faz a parceria com as imobiliárias para a venda, junto com o programa criado pelo governo Minha casa Minha vida.

Através de uma breve pesquisa imobiliária, percebe se também uma grande valorização nos lotes. No início da ocupação do loteamento Alice II, o proprietário de grande parte dos terrenos informou que estava vendendo entre 70 e 90 mil e hoje se encontram em torno de 120 a 130 mil os que estão disponíveis ainda para venda.

No caso do loteamento Jardim do Lago, observa se casa com terrenos maiores, são moradias com um padrão mais antigo de casas, segundo os três entrevistados do loteamento. A maioria dos moradores do bairro que vieram a partir da década de 1980, trabalham na agroindústria Aurora, como pode ser observar na (Figura 10) ela esta situada muito próxima do loteamento.

Um problema gravíssimo, não apenas social, mas ambiental é a questão do esgoto, onde a entrevistada "I", afirma que a fossa construída em seu terreno é muito próxima do rio, o que vem contaminando a água além do lixo jogado pela população.

Figura 11 - Área próxima do Rio Taquarussuzinho



Fonte: Acervo da autora (2017).

Nesse trecho onde eles residem, há varias famílias em um pequeno trecho de estrada de chão próximo ao rio onde existem casas construídas na margem como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 12 - Rio Taquarussuzinho



Fonte: Acervo da autora (2017).

Podemos observar uma área de degradação ambiental, pois o morador invadiu a área à beira do rio construindo um muro que serve inclusive de parede para uma das casas, além dos riscos à moradia. A entrevistada “T” afirma que os moradores que invadiram essas áreas procuraram a prefeitura para realizar a regularização dos terrenos, e asfaltar a rua, porém os órgãos ambientais FATMA e IBAMA, não permitem. Evidenciamos então o que foi visto no referencial teórico, sobre a população de baixa renda que procuram lugares irregulares para residência, fazendo a autoconstrução de suas moradias.

A constituição de um bairro menos segregado e mais igualitário socioespacialmente é fundamental para uma melhoria das condições de vida na cidade. E para isso, o poder público deve priorizar o bem estar coletivo. Algumas pessoas nas entrevistas ressaltaram que se sentem abandonadas pelos órgãos públicos, desde a questão de asfaltamento em algumas ruas, os pedidos de regularização que não foram atendidos entre muitos outros aspectos.

O principal aspecto que causa a desigualdade socioespacial dentro do mesmo bairro tem a ver com a valorização excessiva da terra urbana. Uma família recebendo um salário médio pago pelo comércio ou agroindústrias em Chapecó não tem condições em comprar ou alugar uma casa/apartamento em uma área mais central, obrigando-se a comprar em lugares mais retirados, e segregados, reduzindo assim a sua qualidade de vida. Além daquelas pessoas que, por falta de opções, acabam por invadir lotes trazendo uma degradação ambiental ou até mesmo riscos a sua moradia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procurei evidenciar como a desigualdade socioespacial no bairro Efapi está ligada ao processo de urbanização e de estruturação do espaço urbano em Chapecó. A análise da paisagem geográfica nos permitiu fazer a comparação entre um loteamento e outro e através das entrevistas entender como se formaram esses loteamentos e como essas desigualdades existentes afetam a vida dos moradores.

O processo de desigualdade socioespacial é uma característica da expansão territorial das cidades. O capitalismo acaba influenciando diretamente a relação entre o espaço e a sua dinâmica de ocupação, e isso explica porquê algumas pessoas residem em áreas de segregação socioespacial e outros em locais com melhor infraestrutura.

Chapeco é uma cidade que apresenta claramente isso. Quem possui poder aquisitivo melhor, acaba conseguindo morar em locais com boa infraestrutura, enquanto a população de baixa renda acaba tendo que morar em loteamentos periféricos e segregados. No caso desta pesquisa analisamos e percebemos essa desigualdade no subcentro da cidade e suas áreas residenciais no bairro Efapi.

O bairro que por sua vez teve grande crescimento populacional, pela vinda das agroindústrias na porção oeste da cidade, onde a população optou por residir próximo do trabalho. Evidenciamos que os primeiros a ocupar as áreas, que logo foram regularizadas e que tiveram condições de pagar por seus terrenos, hoje possuem uma estrutura melhor e vivem próximo ao eixo comercial do subcentro Efapi como os loteamentos Colatto e Universidade. Logo após começou a valorização dos lotes, fazendo expandir territorialmente a ocupação ainda mais, como no caso dos loteamentos Thiago e Jardim do Lago, e por fim teve a população que não conseguiu comprar os seus lotes invadindo áreas, como o loteamento hoje chamado Vila Pascoa e sendo realocados pela prefeitura para outros loteamentos periféricos e sem infraestrutura adequada, como o Vale das Hortênsias.

Os loteamentos novos como no caso do Alice II, são mais bem dotados de infraestrutura, porém encontram-se poucas linhas de transporte público, poucos mercados, lojas e a população necessita se deslocar até outro loteamento para adquirir coisas básicas necessárias ao no seu dia a dia, além de adquirir lotes muito mais pequenos (casas geminadas) do que a população que adquiriu há anos atrás em outros loteamentos.

Como observado, a desigualdade socioespacial é um tema de grande importância geográfica e social, porque ele nos permite entender a lógica de ocupação territorial das cidades. Além disso, ela está relacionada à reprodução do espaço urbano, e interfere diretamente na estrutura social de uma localidade. Novos estudos podem vir a ser desenvolvidos a partir deste, ampliando ainda mais características sobre as desigualdades encontradas no bairro Efapi, também buscando estudar outros loteamentos, além desses selecionados para essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBA, Rosa Salete Alba. **Espaço urbano**. Chapecó: Argos, 2002.

AUTOVIAÇÃO CHAPECÓ: Disponível em: <http://www.avchap.com.br/site/busca-de-horarios/?geolocation=true>. Acesso em 22-11-2017.

BASE SUL IMOVEIS: Disponível em: <http://www.basesulimoveis.com.br/>. Acesso em 20-11-2017.

CANCELIER, Janete Webler et al. A expansão urbana de Chapecó - SC e os papéis dos agentes sociais territoriais. **Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM**, Santa Maria. P. 717-734, 2014.

CARLOS, A. F. A. **A Cidade**. 6 ed. São Paulo: Contexto 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

REITAS, César Augustus Labre Lemos de.; NETO, Antônio Vieira. **O processo de valorização do solo urbano: formação e apropriação da mais-valia espacial**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m1c2.pdf>. Acesso em: 21-11-2017.

FUJITA, Camila. Chapeco: Estrutura dinâmica de uma cidade media no oeste catarinense. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n.24, v. 1,1. Sem. 2013.

IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/> acesso em: 27-12-2017.

NASCIMENTO, Ederson. Chapecó: evolução urbana e desigualdades socioespaciais. In: BRANDT, Marlon, NASCIMENTO, Ederson (org). **Oeste de Santa Catarina: território, ambiente e paisagem**. São Carlos: Pedro & Joao editores; Chapeco, UFFS, 2015. p. 97-154.

NASCIMENTO, Ederson. A segregação socioespacial em Chapecó: formação histórico-geográfica e tendências contemporâneas. In: NASCIMENTO, Ederson; VILLELA, Ana Laura Vianna (Orgs.). **Chapecó em foco: textos e contextos sobre o espaço urbano-regional**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 105-154.

OLIVEIRA, Josildete Pereira de; ANJOS, Francisco Antonio dos; LEITE, Fabiana Calçada de Lamare. O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília-DF. **Interações**, Campo Grande, v. 9, n. 2, 2008, p. 159-169.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. Disponível em: <https://www.chapeco.sc.gov.br/> acesso em: 28-12-2017.

SOUZA, Marcelo Lopes. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 92p.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

ZOLET, Victorino B.; SILVESTRIN, Alvírio. Victorino Zolet: **Victorino Zolet: 50 anos fotografando Chapecó**. Chapecó. Ed. do Autor, 2006.